

País precisa de flexibilidade para crescer, diz Dirceu

Ministro volta a falar de economia e defende busca de fontes de financiamento alternativas para financiar crescimento em 2005

GOVERNO

Wilson Tosta

RIO

O ministro-chefe da Casa Civil, José Dirceu, pregou ontem a necessidade de o País ter "flexibilidade" para manter em 2005 o crescimento econômico assegurado em 2004. Voltando a falar com detalhes de temas econômicos, depois de longo período de silêncio, ele ressaltou que, mesmo que o País tenha crescimento zero no último trimestre, acabará com uma expansão de 5%.

Segundo ele, o governo trabalha com cenário de juros crescentes "pelos exigências do momento", embora, no Orçamento e na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), a taxa prevista caia no próximo ano. Ele assegurou, porém, que o superávit primário (receitas menos despesas, excluídos juros) e a atual política monetária não mudarão.

"É o governo empenhado em encontrar alternativas de financiamento", disse ele, explicando o que entende por flexibilidade para manter o crescimento, principalmente na área de infra-estrutura. "No Orçamento-Geral da União, não temos (dinheiro), mas no BNDES, nos fundos de pensão, nos fundos constitucionais, podemos encontrar solução." O ministro lembrou o acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para excluir os

investimentos em infra-estrutura do cálculo do superávit primário, que resultará em mais R\$ 3 bilhões para investir, como um exemplo do que é possível flexibilizar.

Otimista, Dirceu declarou que a tendência da taxa de juros é crescente este ano, mas afirmou que 2005 vai ser um ano melhor. "A economia está crescendo e vai crescer, e a situação internacional está melhorando, o petróleo está caindo (de preço), os juros americanos já foram pré-fixados. Acho que vamos ter crescimento ano que vem", declarou. "O Brasil precisa e pode criar mais 2 milhões de empregos formais, novos, por ano." Ele disse que crescimento atrai investimentos e a taxa de juros, de 25% no início do governo, está em

"Nós vamos desdolarizar as tarifas", garante o ministro

17,25% hoje, enquanto a taxa real caiu de 14% para 10,5%.

"Espero que no ano que vem o País não tenha mais dívida cambial (atrelada ao dólar) e tenha 25% de sua dívida pré-fixada", afirmou, ao analisar o trabalho do governo de alongar o perfil da dívida pública.

"E vamos desdolarizar as tarifas.

Porque neste país cometemos o erro de dolarizar as tarifas públicas, (o que) pode ter sido necessário naquele momento, mas evidentemente nenhum país no mundo de hoje pode pensar em desenvolvimento se não tem controle sobre os insumos." O ministro participou do encerramento do seminário Ferrovias: Integração e Desenvolvimento Econômico, no Hotel Pestana Rio-Atlântico, em Copacabana, na zona sul do Rio.

IRONIA

Bem-humorado, Dirceu até fez ironia com as críticas que o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso tem dirigido ao governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Demonstrando estar gostando da polêmica, afirmou que o debate é democrático para o País e declarou que o atual governo tem números e dados consistentes para comparar com a administração passada, de Fernando Henrique. "Lógico que o tempo que temos para isso é pouco, porque temos de trabalhar", disse, sem citar na frase o nome do ex-presidente, que não tem cargo público no momento. "Quem não está trabalhando tem bastante tempo para isso. Nós temos de trabalhar, temos pouco tempo para responder." •



HUMOR - Dirceu, sobre a polêmica com FHC: "Temos de trabalhar, temos pouco tempo para responder"